



seria redescobrir todo o tesouro que ela acumulou ao longo deste período. A partir desta redescoberta, verificar corajosamente a nossa atual prática pastoral. Animados e animadas pelo exemplo de uma “grande nuvem de testemunhas” (Hb 12,1) poderíamos pensar e projetar um futuro para a nossa ação evangelizadora. Um futuro mais comprometido com os excluídos e com as excluídas, libertador, profético, transformador. Um futuro jovem para uma Igreja jovem, aberta ao Espírito, que faz “novas todas as coisas” (Ap 21,5). Uma Igreja em condições de dialogar com o tempo presente, e portanto, em condições de fazer o anúncio da Boa Notícia aos homens e às mulheres que vivem em nossa época.

Endereço do Autor:

CNBB
SE/Sul Quadra 801 Conjunto “B”
70401-900 Brasília DF
Caixa Postal 02067 (CEP 70259-970)
e-mail: cnbb@cnbb.org.br



O presente texto trás uma reflexão histórica da organização da juventude dentro da Igreja Católica. Inicia relatando a relação da Igreja com os jovens ainda antes do surgimento da Pastoral da Juventude e os primeiros anos da organização da PJ orgânica. Em seguida, concentra a reflexão sobre os passos dados para a criação da PJ em Santa Catarina, e apresenta o momento atual do projeto da Pastoral da Juventude no Regional Sul IV. Um aspecto particular tratado pelo autor provoca discussão e trás um novo olhar sobre a espiritualidade do jovem hoje. O artigo quer ser um instrumento para fortalecer a reflexão sobre a Igreja no mundo Juvenil, no ano em que a PJ completa, em Santa Catarina, 20 anos de Caminhada.

Pastoral da Juventude – Igreja no mundo juvenil

“O jovem aproximou-se de Jesus e perguntou:
O que devo fazer para conseguir a vida eterna?...
Jesus olhou atentamente para ele e o amou”

(Mc 10, 17-21).

Vanduir Matias Deters

Coordenador das Pastorais da Juventude
da CNBB/Regional Sul IV



A Pastoral da Juventude no mundo

“Jovens: Vós sois o Sal da Terra e a Luz do Mundo” (*Papa João Paulo II*)

A Igreja nunca deixou de trabalhar com os jovens, assim como nunca deixou de trabalhar com as crianças e os adultos, porém, ela desenvolveu um trabalho genérico e isento de metodologia específica, limitando-se a defender, conservar e proteger a fé dos cristãos recebida pelo batismo. A família, a escola e a catequese nas paróquias constituem a força protetora dos jovens. Ainda que ao lado dessas instituições surgissem diferentes organizações mais tipicamente juvenis, a espiritualidade e a atuação delas estava prioritariamente voltada para dentro da própria Igreja ou para dentro da própria instituição. Era muitas vezes um apostolado leigo, mantido pelas congregações religiosas, tendo como finalidade precípua conquistar vocações para seus quadros.

Não havia trabalho com a juventude. Havia trabalho com os jovens. Em todos os movimentos que havia, o jovem participava como espectador. A direção e coordenação era dos adultos. Lembramos aqui, especialmente, as Congregações Marianas, as Filhas de Maria, a Legião de Maria e os Jovens Vicentinos. Muitas vezes o trabalho, em todas essas associações e movimentos, misturava jovens e adultos, estando os jovens submissos aos adultos. Numa perspectiva de evolução eclesial, julgamos que merecem destaque histórico as Congregações Marianas e a Juventude Vicentina. Isso não significa nenhuma desvalorização dos outros movimentos e associações.

Conjuntura Eclesial em 1920 (Mundo)

Por volta de 1920, a sociedade estava se descristianizando sempre mais, se afastando da Igreja. A Igreja por sua vez estava desacreditada, principalmente no meio urbano em processo de industrialização.

Diante dessa realidade, o Papa Pio XI compreendeu que a Igreja precisava atualizar-se para cumprir sua missão. Lançou então um desafio aos cristãos leigos, fundando a Ação Católica. Era a participação organizada dos leigos católicos no apostolado hierárquico da Igreja, para a difusão e atuação dos princípios católicos na vida individual, familiar e social. Também a tarefa de recristianizar o mundo e recuperar a credibilidade da Igreja, obra grande demais para a hierarquia. O leigo seria o braço da hierarquia, aonde essa não chegava.

A Ação Católica buscava a renovação religiosa na política, nas leis, na literatura, na ciência, na filosofia, na indústria, no comércio, nas artes, nas profissões.



A Ação Católica no Brasil

“A juventude é o principal alicerce da nossa obra” (*Ernesto Che Guevara*)

No Brasil, notamos uma presença significativa da Igreja no meio da juventude, com o surgimento da Ação Católica, no início dos anos 30. É um acontecimento extraordinário na Igreja sob influência de Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, Cardeal do Rio de Janeiro. A Igreja se decide à recristianização da sociedade pela formação integral do homem.

A A.C. nasce e desenvolve-se no Brasil num período de ascensão do capitalismo e de abertura ao capital externo. Cresce a indústria e a classe operária começa a tomar vulto. A Igreja do Brasil, encerrada em si mesma, não tem nada a dizer no espaço social, econômico e político. Coloca-se fora do eixo da produção e situa-se no eixo do consumo. A Igreja atribui então ao leigo a missão de evangelizar a sociedade, pela Ação Católica.

A história da A.C. no Brasil pode ser dividida em dois grandes períodos: Ação Católica Geral e Ação Católica Especializada.

Ação Católica Geral (1932-1950)

A Ação Católica Geral tem como marco de origem o reconhecimento oficial do movimento no Brasil, com o nome de Juventude Feminina Católica (JFC), criada em 25 de novembro de 1932, pelo Cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, nos moldes previstos pelo Papa Pio XI. Em agosto desse mesmo ano vêm Cristina de Hemptine e Jane Du Bostu, da Bélgica, enviadas pelo Papa Pio XI, para dirigir importante curso sobre a JCF. Inicia-se uma caminhada de juventude que se estende até o ano de 1966. Os primeiros aliados da ACG são as classes dominantes: a burguesia financeira, a burguesia industrial e os estudantes que seriam os futuros “homens de influência” na sociedade.

A partir da experiência da JCF, outras formas de organização vão surgindo. Em 1935 estabelecem-se quatro setores, masculinos e femininos separadamente: a Juventude Católica Brasileira (JCB), os Homens da Ação Católica (HAC), a Liga Feminina Católica (LFC), a Juventude Feminina Católica (JFC). Esses setores, agrupados e regidos por um estatuto aprovado a 9 de julho de 1935, na festa de Pentecostes, constituem a Ação Católica Brasileira (ACB).

O Progresso da A.C.

Após dois anos e meio de experiência da ACB, com sua rápida expansão em todas as dioceses do Brasil, sente-se a necessidade de encontros nacionais



para o estudo de temas, propostas e decisões comuns, no processo de continuidade da Ação Católica.

Inicia-se a realização das “Semanas Nacionais”. Em algumas, a participação de Bispos, sacerdotes, religiosos e leigos engajados, é significativa.

Essas Semanas são ocasião de:

- entrosamento recíproco;
- revisão de vida e prática, estudo, decisão de assuntos pastorais e de organização, etc...
- oportunidade para encontros de Bispos;
- tempo forte para revisão de prática e de vida, decisões de assuntos pastorais e organizações apostólicas, em níveis que superam as possibilidades das paróquias ou dioceses isoladas.

De 1937 a 1961, ocorreram sete Semanas de ACB. Foram momentos de grande crescimento qualitativo e integral na história da Pastoral da Juventude. Dessas Semanas surgiram os alicerces de uma nova maneira de pensar, viver e ser Igreja.

Ação Católica Especializada (1950-1966)

Não houve uma ruptura com a Ação Católica Geral, mas continuidade rumo à especialização que vinha se esboçando desde que o Pe. Hélder Câmara se tornara assistente nacional, em 1947. Nesta fase, a Ação Católica segue a orientação do Papa Pio XII que convocava os leigos a cooperar com o apostolado hierárquico: “A colaboração direta que a AC presta à hierarquia é no sentido de prolongar a ação do padre nos meios em que cada militante foi posto pela Providência” (Estatuto – 50 art. 13).

Os estatutos da ACE entram em vigor em 1950, na 4ª Semana Nacional, mas são oficializados somente em 1955. É um novo desafio para a Igreja do Brasil, pois corresponde à especialização do movimento. Sua estrutura começa a ser modificada segundo o modelo belga e francês, que introduz o critério da divisão segundo o meio social específico, a idade e o sexo dos militantes.

O novo critério tem como referencial os espaços de atuação. É a chamada Ação Católica Especializada, de jovem para jovem: Juventude Agrária Católica – JAC, Juventude Estudantil Católica – JEC, Juventude Independente Católica – JIC, Juventude Operária Católica – JOC, Juventude Universitária Católica – JUC. Os grupos se organizaram nas escolas secundárias, nas universidades, nas fábricas e no campo. A ligação com a Igreja se faz por uma coordenação nacional. Recebem a influência muito forte das idéias do Cônego Joseph Cardijn



e do filósofo Jacques Maritain. Cardijn trabalhava com os jovens operários de Bruxelas, na Bélgica. Desenvolveu o método VER-JULGAR-AGIR. É o método usado na preparação dos líderes, através do processo de formação na ação. Introduziu a prática de revisão de vida e revisão de prática. Os jovens analisavam suas atitudes diante dos acontecimentos da vida e avaliavam a ação que cada um desenvolvia no meio social. Jacques Maritain desce ao terreno concreto das realidades humanas, envolvendo-se em questões de ordem social e política.

Os jovens vão percebendo a relativa inutilidade de apenas pregar a conversão pessoal. Não se contentam com os instrumentos que a Igreja lhes oferece. Daí nascem os primeiros conflitos com a hierarquia. As tensões aumentam à medida em que cresce no jovem a consciência de que é preciso transformar as estruturas sociais que são a raiz e a concretização da injustiça.

Diante da ineficácia dos instrumentos de que dispõe a ACE, especialmente a JUC, coloca-se a questão do uso dos instrumentos políticos. Em fim de março de 1963, a JUC lança mão de um instrumento político mais autônomo e eficaz, a “Ação Popular”. Enfim, em 8 de novembro de 1966, acontece a ruptura oficial da JUC com a hierarquia.

Com o golpe de 1964, a Ação Católica Especializada foi desarticulada e esfacelada. Porém, o grande trabalho por ser semeado na consciência juvenil, sobreviveria em movimentos que se organizaram na clandestinidade, ou seja, a própria Pastoral da Juventude foi gestada na clandestinidade, num ambiente de repressão e tortura.

Com a ilegalidade da ACE, a partir de 1969 a 1970, surgiram no Brasil os “Movimentos de Encontros”. Foram inspirados pelos “Cursilhos de Cristandade”. Usavam o impacto emocional e não despertavam o jovem para uma consciência diante dos problemas sociais. Este novo jeito de trabalhar o jovem veio contribuir para a alienação que impunha o sistema vigente. Foi uma fase de grandes grupos de tendência espiritualista e assistencial (EMAUS, TLC, SHALOM, ENCONTRISMO e outros). Apelavam para uma conversão individual, e um trabalho voltado mais para os problemas afetivos, psicológicos e morais.

1973 a 1978 – Nascimento da PJ Orgânica

“É esta a nossa hora e o tempo é pra nós. Que chegue bem no canto a nossa voz. Miremos bem no espelho da memória. Faremos jovem e linda a nossa história”
(Zé Vicente).

Mesmo com a proibição da Ação Católica Especializada, seus membros agiam na clandestinidade e, com o passar dos anos, suas idéias de ressurgimento de um trabalho mais qualificado com o jovem foi-se solidificando.



Nesse sentido foram realizados o 1º e 2º Encontros Nacionais, em 1973 e 1976, respectivamente reunindo pessoas da PJ, para refletir a situação e buscar caminhos de organização. No 3º Encontro Nacional, sentiu-se necessidade de uma PJ mais comprometida com a realidade. O 4º Encontro aconteceu em 1983, em Brasília. O 5º Encontro aconteceu em 1984, em Goiânia, que elaborou um subsídio denominado: “Aspectos da Pastoral da Juventude no Brasil”. Foi trabalhada a articulação e organização. No 6º Encontro, em 1985, em Brasília, foi trabalhada a militância na PJ. O VIIº Encontro em 1987, em Nova Iguaçu - RJ, o Encontro Nacional da Pastoral da Juventude (ENPJ) passou a denominar-se (ANPJ) Assembléia Nacional da Pastoral da Juventude. No sétimo, trabalhou-se a iniciação na PJ. Agora a ANPJ possui o caráter decisório. A 8ª ANPJ ocorreu em 1989, em Lavrinhas SP, na qual estudou-se o mundo do trabalho.

A partir de 1980, a Pastoral da Juventude, como é entendida atualmente, “de jovem para jovem”, tornou-se uma prática relativamente nova na Igreja. Acentua-se a preocupação por assumir concretamente as Diretrizes da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, em nível diocesano, regional e nacional.

Nasceram também trabalhos no campo específico da PJ, ou seja, surgiram a: PJR - Pastoral da Juventude Rural, PU – Pastoral Universitária, PJE – Pastoral da Juventude Estudantil, PJMP – Pastoral da Juventude no Meio Popular, cada qual com sua organização, coordenação e autonomia. Porém, todas ligadas à CNPJ, Coordenação Nacional da Pastoral da Juventude.

A Pastoral da Juventude no Estado de Santa Catarina

PJ do Regional Sul IV da CNBB (1973 até 1989)

“Fé na vida, fé na gente e no que virá...”

Quando surgiram as primeiras articulações, o nosso Regional era formado pelas oito Dioceses do Estado de Santa Catarina: Florianópolis, Tubarão, Joinville, Rio do Sul, Lages, Caçador, Chapecó, Joaçaba. As prioridades pastorais do Regional são:

- CEBs através dos grupos de reflexão;
- Formação de Agentes de Pastoral;
- Pastoral Social (CPT, CPO, CJP, CIMI, CPP, CPS).

A tentativa de organização da PJ no Regional tem início na década de 70, a partir de Florianópolis. O Secretário Geral do Regional promove vários encontros com agentes de pastoral. A caminhada esteve assim:



- Maio de 1973 – Encontro Regional dos Responsáveis Diocesanos da PJ, para uma tomada de contato comum.
- Agosto de 1974 – Levantamento e análise da Realidade (Lages).
- Agosto de 1975 – Encontro Regional em Caçador: “Realidade como ponto de partida”.
- Março de 1976 – Encontro Regional em Nova Trento: fez-se levantamento de dados sobre a realidade familiar e educacional da juventude.
- 1978 – Realização de um inquérito geral da Pastoral da Juventude do Regional.
- Maio de 1979 – Encontro em Caçador com os coordenadores e responsáveis da PJ para refletir sobre os apelos de Puebla.

A PJ do Regional Sul IV (1980 a 1989)

- Maio de 1980 - Encontro em Lages: busca de ação comum a partir da opção da Igreja em Puebla em favor dos pobres e dos jovens.
- Maio de 1981 - Encontro em Nereu Ramos: buscou-se incentivar o trabalho dos jovens e a criação de uma **nova mentalidade** dentro de uma **PJ organizada e assumida pelos próprios jovens**.

Mons. Valentim Loch, então Secretário do Regional, foi quem assessorou esta caminhada.

- **Maio de 1982 - Esta data é um marco decisivo para a PJ do Regional Sul IV, pela tomada de consciência de uma ação comum e organizada no Regional. Aconteceu em Lages, com a presença das Coordenações da PJ de todas as Dioceses.**

A Assembléia foi procedida de um levantamento sócio-econômico-político de cada Diocese e a atuação da PJ dentro dessa realidade, trabalho apresentado no plenário como ponto inicial.

Dentro dos objetivos, tentou-se a busca de uma ação comum e de organização. Os pontos assumidos são o ponto de partida para uma caminhada que ilumina a PJ a cada passo dado:

- a) Organizar a PJ em cada Diocese em nível de:
 - Paróquia (Coordenação Paroquial)
 - Comarca ou Região Pastoral (Coordenação)
 - Diocese (Coordenação Diocesana)
 - Regional (Coordenação Regional)



- b) Assumir a prioridade de Puebla na conscientização de uma linha de ação renovadora e transformadora na Igreja e na Sociedade, dando ênfase à formação de líderes, à participação nas CEBS e na Pastoral Social da Terra e Operária.
- c) Favorecer a criação e articulação de pequenos grupos nos meios populares (privilegiando os mais pobres).

Nesta Assembléia foi criada uma equipe regional formada por dois jovens de cada diocese, a fim de fazer o Regional caminhar. Dois assessores foram escolhidos para acompanhar a equipe.

A equipe com os assessores reuniram-se em agosto em Rio do Sul, a fim de aprofundar as linhas de ação comum e buscar estratégias de articulação. Desta reunião resultou um projeto comum que recebeu o nome de “Projeto Rio do Sul”. São os seguintes os passos do projeto:

- a) Aumentar a presença real dos que anseiam por mais justiça e que sentem uma necessidade urgente de mudança: IDENTIFICAÇÃO.
- b) Devolver essa posição, numa atitude profética, a grupos de pessoas parecidas: ORGANIZAÇÃO.
- c) Procurar aprofundar na prática a atitude pedagógica de “caminhar juntos”: FORTALECIMENTO.
- d) Buscar novos comportamentos em um mundo em conflitos: HOMEM NOVO, MULHER NOVA.
- e) Solidarizar-se com os oprimidos em todas as suas lutas de libertação: LIBERTAÇÃO.

Para viabilizar o projeto, foram escolhidas a Metodologia e Estratégias seguintes:

- É preciso ter objetivos claros, para saber onde se quer chegar;
- É preciso ter um caminho de organização: grupo-paróquia-comarca-diocese;
- Troca de material produzido nas dioceses;
- Presença de pessoas de outras dioceses em momentos fortes;
- Levantar nas dioceses e no regional a memória histórica da PJ;
- Divulgar a caminhada da PJ através de jornais e folhetos;
- Cada diocese elaborar as estratégias mais convenientes à sua realidade.



A Equipe da PJ do Regional se reúne duas vezes por ano. A cada ano também se realiza uma Assembléia Regional da PJ onde se avalia a caminhada, aprofunda-se algum tema e se determinam os passos seguintes. Em cada assembléia ainda a equipe é renovada, não totalmente. Um elemento muda e outro permanece: continuidade e renovação. Atualmente a equipe possui 16 jovens (dois por diocese), os representantes no Bloco Sul, uma equipe de 6 assessores e um bispo responsável, que é D. José Gomes.

Assembléia Regional da CNBB

Outra atividade foi a Assembléia Regional da CNBB em Curitiba (84) com os Bispos e agentes de pastoral, sobre a Pastoral da Juventude. Foi apresentada a caminhada da PJ, um relatório geral das atividades de cada diocese, descrição de cinco experiências significativas (meio estudantil, meio rural, favela, mangue e catequese crismal). Isto não significa que todos os grupos do Regional estejam realizando estas atividades. A grande maioria ainda está na Pastoral Geral ou Iniciação: Na militância o número é bem reduzido e, na maioria dos casos, são jovens que estão mais comprometidos com este processo e se ligam a outros organismos de lutas populares, quer na Comunidade Eclesial, quer nos meios específicos.

Em 1986, a CNBB publica o livro “PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL”, na Coleção Estudos, nº 44. Texto oficial aprovado pela Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, após a Assembléia de Itaipó (abril de 1986). Depois, em 1998, a CNBB publicou, na mesma coleção Estudos, nº 76, o livro “Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil”. Esse “marco referencial” desdobra-se em: marco situacional, histórico, doutrinal, operativo e celebrativo.

A Pastoral da Juventude hoje

“O segredo da eterna juventude é doar a vida por uma causa”
(D. Hélder Câmara).

A Pastoral da Juventude hoje está presente nas 10 dioceses catarinenses, desenvolvendo trabalhos em quatro realidades diferentes: meio rural, periferias, centros urbanos e nas escolas (públicas e particulares). Há também várias iniciativas de trabalhos com jovens reassentados (atingidos por barragens), nos assentamentos (Reforma Agrária), com a juventude Indígena, jovens pescadores... Devido a esses diversos trabalhos, mudou-se inclusive a nomenclatura: de PJ passa ser chamada de PJs, e em nível nacional passa a ser chamada, PJB – Pastoral da Juventude do Brasil, isso desde 1995.



Um dos principais destaques do trabalho é o fato de que as Pastorais da Juventude procuram animar as jovens e os jovens a partir da realidade, nua e crua. Através da metodologia do Ver-Julgar-Agir-Avaliar-Celebrar, a Pastoral da Juventude do Brasil continua a desenvolver um grande trabalho na área da formação de lideranças, que é marca durante os 20 anos de caminhada. O trabalho acontece fortalecendo o protagonismo juvenil, onde os jovens fazem a sua própria história.

O debate sobre o Projeto Político

“Nossa causa triunfará, pois é a causa da justiça, a causa do amor”.

Para dar mais um passo em nossa caminhada, é preciso colocar no papel aquilo que acreditamos e sonhamos, para onde queremos caminhar, com quem queremos nos envolver, quem são nossos aliados, qual o nosso papel e concepções diversas. Para isso, há necessidade da elaboração de um projeto político, que tenha sobretudo a participação efetiva dos que trabalham com a juventude e também acreditam na potencialidade desta.

As Pastorais da Juventude de Santa Catarina querem buscar construir uma via que tenha efetivamente dois traçados complementares e que levem à participação: das bases às coordenações e vice versa. Neste sentido vem à tona uma urgência muito peculiar de que precisamos superar as distâncias que existem entre instâncias. Senão, corremos o risco de reproduzir duas Pastorais da Juventude: a dos grupos, cada vez mais grupos, e das coordenações, cada vez mais coordenações.

A formação integral contínua e processual não deve ser marcada por abismos entre projetos, mas sim integrada e participativa, onde as juventudes sejam realmente ouvidas e entendidas.

Maior é a “Missão”, o serviço que nos cabe realizar. Precisamos assumir a importante tarefa de levar adiante as nossas concepções, nossas bandeiras.

Para isso, de maneira coletiva e bem organizada foram feitos trabalhos nos grupos de jovens, paróquias, debates nas dioceses e um grande Seminário Regional, contemplando os seguintes eixos de reflexão: quem é a juventude catarinense; a realidade que ela vive; quais são seus sonhos e perspectivas; qual a atuação direta na Igreja (desafios e conquistas); e a participação em organizações, partidos e movimentos da sociedade civil organizada.



Celebração dos 20 anos de caminhada

*“Se a juventude viesse a faltar, o rosto de Deus iria mudar”
(Jorge Trevisol).*

São grandes os preparativos das 10 dioceses catarinenses para a grande Celebração Estadual das Pastorais da Juventude. Os grupos de jovens estão fazendo o roteiro de encontros para se prepararem para o evento. O material foi elaborado no Regional.

Os jovens, através do seu jeito novo, tornam mais viva a caminhada da Igreja. Como as bem-aventuranças (Mt 5, 1-12), eles são o anúncio da felicidade, porque proclamam a libertação e anunciam a vinda do Reino, e chamam a gente para ser Sal na Terra e Luz no Mundo (Mt 5,13-16). Assim é também a atuação dos jovens, pois a juventude é que dá gosto à Igreja. A Igreja sem os jovens é uma Igreja sem Sal.

Até hoje, muitos sonhos, conquistas e desafios marcaram a caminhada. Muitas dificuldades ainda hoje nos defrontam. Mas quantas alegrias, quantos jovens que começaram a sua militância na PJ, despertaram seu senso crítico e passaram a atuar em setores combativos da sociedade e outras pastorais da igreja.

Com carinho, lembro a 1ª Concentração Catarinense de Jovens, 1992, em Timbó, hoje diocese de Blumenau. Foram milhares deles, vindos das 8 dioceses na época, para celebrar os 10 anos de caminhada regional.

O grande projeto que tem dinamizado a atuação das Pastorais da Juventude, que é a Igreja no meio da juventude, é a preparação da Celebração Estadual, no **dia 08 de setembro de 2002, em Curitiba**, celebrando 20 anos de caminhada e uma presença efetiva e afetiva no Regional. Será o grande momento de nós celebrarmos e festejarmos todas as nossas conquistas.

Objetivo Geral da Celebração dos 20 anos:

*“Celebrar os 20 anos de vida e história das
Pastorais da Juventude de Santa Catarina,
presentes na Igreja, fortalecendo sua
caminhada de testemunho do Reino de Deus”*

Objetivos específicos:

- Resgatar a história das PJs do Regional Sul IV;
- Fortalecer e animar a caminhada dos grupos de base;
- Anunciar o Projeto de Libertação de Jesus Cristo;
- Denunciar tudo o que oprime a vida;
- Discutir a sociedade que queremos, a partir do nosso Projeto Político.



Tema: Testemunho, Identidade e Missão.

Lema: “Uma história de Utopia e Paixão”.

A grande presença do dia, além de toda a juventude, será o Show do cantor das comunidades, o nordestino Zé Vicente.

A Juventude e o novo jeito de viver a espiritualidade

“Eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber;... eu estava doente, e cuidaram de mim” (Mt 25, 36-37).

Falar é fácil. Ao entrarmos no terceiro milênio, facilmente percebemos que a juventude rejeita este tipo de mundo e de sociedade que os adultos estão nos deixando. Sem dúvida, este é o sinal claro e confortante da existência de uma juventude sadia e inconformada, que possui espírito crítico frente à realidade atual tremendamente injusta e em plena crise de valores.

Há quem diga que os jovens de hoje, além de alienados da vida, se afastaram da religião, pouco ou nada frequentam as igrejas etc. Estas afirmações só podem ser feitas por pessoas sem a sensibilidade necessária para compreender um jeito novo de viver uma espiritualidade diferente, mais orientada para o compromisso concreto..., que frequentemente mete medo nos adultos acomodados.

Neste contexto, falar dos jovens é fácil, bem mais difícil é deixar eles falarem. Em muitas comunidades, a juventude é vista como aquela que pode exercer tarefas, mas dificilmente é convidada a participar dos conselhos.

No entanto, em todo o Brasil, centenas de milhares de jovens trabalham em suas comunidades, participando ativamente nas Comunidades Eclesiais de Base e nas diversas Pastorais. Trata-se de um trabalho feito com amor e dedicação, sem medir esforços e sacrifícios. Muitos deles chegam a sacrificar até suas merecidas férias para ajudar os pobres, visitar doentes, fazer missões...

Nisso tudo, percebe-se a disponibilidade e a generosidade dos jovens, e tudo eles fazem com muito amor, recheado de imensa alegria. Estes missionários encontram-se entre nós e nos lugares mais distantes do mundo onde se precisa da libertação trazida por Jesus Cristo.

A Igreja deve entender melhor seus jovens e, com coragem e confiança, abrir-lhes espaços e proporcionar-lhes oportunidades, para que possa usufruir de seu enorme potencial humano e evangelizador. Afinal, eles, mais do que ninguém, possuem aquela sensibilidade para com as problemáticas da modernidade, que os tornam capazes de responder às mais urgentes necessidades.



É neste contexto de conquistas e de profundas angústias que eles anseiam por dizer como é importante e atual o projeto e os ideais que o Mestre de Nazaré propôs aos homens e mulheres de 2000 anos atrás.

Jesus Cristo continua sendo o grande líder das novas gerações. No meio de tantos egoísmos e ódios, divisões e guerras intermináveis, os jovens vêem, no seu seguimento, o único caminho que leva à conquista da fraternidade e à paz. Embora contrastando com a mentalidade eficientista do mundo, eles acreditam nas palavras de Jesus: “*Sem mim nada podeis fazer*” (Jo 15, 5). Muitos deles aceitam também seu convite forte e desafiador: “*Ide pelo mundo inteiro, anunciai o Evangelho a todas as criaturas...*” (Mc 16,15).

O valor da simbologia

Quando observamos o grande número de jovens estudantes invadindo as calçadas rumo aos colégios, universidades, trabalho, manifestações como o *grito dos excluídos* e tantas outras, sentimos que está acontecendo uma imensa peregrinação em direção à vida. Nesse caminhar dos jovens do terceiro milênio, há claramente algo profundamente religioso e profético.

Seu jeito de vestir, suas mensagens escritas nas camisetas, nos bonés, os lenços, as fitinhas etc, transmitem mensagens singelas e bonitas de fé e amor à vida.

Nas caminhadas dos jovens, a presença de bandeiras, faixas e gritos de ordem, reflete a grande indignação frente ao mundo atual, cheio de promessas, mas profundamente injusto, no qual eles quase não têm espaço. A rica simbologia usada pelos jovens tem, sem dúvida, um grande valor, já que expressa uma espiritualidade com forte carga profética. É um jeito diferente de expressar e viver a fé.

Quem não observou, nos últimos anos, até mesmo nos estádios de futebol, inúmeros jovens pintando as faces com as mais variadas cores? É um símbolo para lançar suas mensagens e protestar contra os políticos corruptos e gananciosos, contra o capitalismo selvagem e a globalização.

Os jovens amam aquilo com que eles se identificam. É assim que eles acreditam, sonham e alimentam o empenho e a coragem de lutar para construir uma sociedade mais justa e fraterna.

O pecado e a espiritualidade profética

Existem por aí várias definições sobre o pecado. Há quem trabalhe e cultive uma certa espiritualidade voltada principalmente em afastar os jovens



do pecado, particularmente do pecado da impureza. Mas será que o maior pecado não é a incapacidade de reconhecer Jesus no próximo? Não será pecado fechar os olhos para uma realidade que deve causar em nós uma grande indignação e que exige o nosso compromisso para mudarmos tal situação?

Será que não deveríamos pedir perdão a Deus todos os dias por tudo aquilo que deixamos de fazer pelo outro, pelos pobres, para melhorar a vida dos irmãos e irmãs esquecidos (as) que existem entre nós e nos países mais pobres do mundo? Será que o testemunho dos missionários não está falando alto ao nosso mundo egoísta e consumista?

Precisamos cultivar em nossos corações a utopia de que vale a pena crer na vida. Credo na vida, cremos numa sociedade igualitária, justa e fraterna. Somente assim conseguiremos acabar com os grandes pecados que massacram a vida da humanidade mais pobre.

É hora de todos os cristãos, mas sobretudo nós, os jovens, nos apaixonarmos pelo Projeto de Jesus de Nazaré, denunciando todo tipo de opressão e, com nossa espiritualidade profética, anunciar um Novo Tempo, uma Terra Sem Males.

Endereço do autor:

Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524 Pantanal
88.040-001 – Florianópolis/SC
Fones: (48) 234-7033 / 9971-4917
E-mail: pjssc@ieg.com.br

Siglas

ACB – Ação Católica Brasileira
ACG – Ação Católica Geral
ACE – Ação Católica Especializada
ANPJ – Assembléia Nacional da Pastoral da Juventude
CNPJ – Comissão Nacional da Pastoral da Juventude
CPS – Conselho de Pastoral Social
CPP – Conselho de Pastoral Paroquial
CPO – Comissão Pastoral Operária
CIMI – Conselho Indigenista Missionário

Bibliografia

Paulo Henrique LÚCIO. Universidade do Sul de Santa Catarina (julho de 1992, páginas 09 a 23).
CNBB, Estudos da, Marco Referencial da PJB (Paulus – 1998)
Projeto Político. Pastorais da Juventude de Santa Catarina (Maio de 2001)
Uma história de Utopia e Paixão. Pastorais da Juventude de Santa Catarina (Fevereiro de 2002).
Missão Jovem. (Abril de 2002, página 08).



O artigo é uma análise da vida na Idade Média, com especial interesse pela influência da mística cristã e da poética. Tem como «pano de fundo» a degradação social e administrativa do Império Romano, que «escorregou inexoravelmente pela decadência por cerca, de quatrocentos anos». Estava, assim, aberto o espaço histórico para uma nova fase, a Idade Média. Esta teve como centro propulsor, no aspecto social, religioso e, sobretudo, cultural, os mosteiros. O cristianismo é a força propulsor da cultura, sobretudo na prática da oratória, na gramática e na poesia. Destas, o autor dedica especial atenção à poesia, apresentada duas correntes: uma fundamentada na mística cristã, onde se destacou Hildegarda de Bingen, com seu tom marcadamente profético na Igreja do seu tempo; outra com interesse eminentemente temporal, dos goliardos – estudantes que se aperfeiçoaram no estudo da literatura nos mosteiros e também por algum tempo reivindicaram o ministério dos clérigos. Foi na Alemanha, como também Inglaterra e França, que estes últimos encontraram espaço social mais favorável para se desenvolverem, realizando uma poética basicamente ou satírica ou em louvor da bebida, das diversões e do amor corporal.

Dois aspectos da poética medieval alemã:

o místico, com Hildegarda de Bingen e o burlesco, com os goliardos

Júlio de Queiroz

O Autor é membro da Academia Catarinense de Filosofia e da Academia Catarinense de Letras